

NO MÊS DE TODOS OS SANTOS, UMA SANTA DOS NOSSOS DIAS

María Ángeles Navarro Girón

23 de novembro de 2015

Tradução de dona Susana Alves da Motta



Dona Elvira Silveira Santana, nascida na Bahia, Brasil no dia 18 de novembro de 1939.

Falecida em Campo Grande – Mato Grosso do Sul, Brasil, no dia 17 de novembro de 2015.

No dia seguinte teria completado 76 anos. Eu a conheci com 20 anos menos e é uma as pessoas que mais perfume deixou em minha vida.

Estava casada e seu marido com Alzheimer não para de chorar. O casal teve 19 filhos dos quais nove morreram na infância. Atualmente estava com 8 tataranetos.

Dona Elvira era uma pessoa que nunca se alterava por nada. Um dia perguntei a ela como nunca ficava nervosa. Ela me respondeu: “é que, se fico nervosa, já teria

morrido”. Tinha um caráter extraordinário e uma vitalidade serena, mas não inflamada. Nunca se dava por vencida.

Morava na Paróquia Cristo Luz dos Povos, dividida em várias “capelas”. As grandes celebrações se realizavam na matriz, com a qual tinha um contato constante. As celebrações dominicais se realizavam em cada capela, que tinha sua estrutura pastoral própria. A paróquia abarcava uma região muito ampla, cujo centro estava em um bairro residencial habitado por pessoas de classe média e naquela época se estendia a uma das favelas de Campo Grande. A proximidade com um rio ocasionava uma situação especialmente difícil para muitas famílias que viam seus barracos inundados cada vez que chovia um pouco mais do que a média (em alguns meses, era um dia sim e o outro também).



Nos limites dessa favela estava a capela Madre Paulina. Ali não tinha nada, nem templo. As missas e outras celebrações litúrgicas aconteciam num pátio coberto da pequena escola que era cedida à paróquia aos domingos.

Não existia capela de tijolos, mas tinha comunidade. Havia um presidente da comunidade e uma série de cargos dados aos leigos... mas sobretudo lá estava Dona Elvira.

A Dona Elvira, o pároco da ocasião ignorava completamente. Dona Elvira desejava ser Ministra da Comunhão Eucarística para levar a comunhão aos doentes. Mas Dona Elvira não

tinha estudos e o pároco certamente pensava que ela não tinha formação adequada. O pároco atribuiu a presidência da comunidade a quem tinha estudos, mas não participava das reuniões... Salvo se fossem na matriz e tivesse oportunidade de brilhar.

Foi então que aprendi que o trabalho pelo Reino de Deus é o trabalho que Deus faz quando tudo é contrário e, muito especialmente, quando ninguém vê. E aprendi a trabalhar pelo Reino de Deus quase na “clandestinidade”. Não era difícil. A capela Madre Paulina era muito pequena e muito pobre e o pároco tampouco participava das nossas reuniões (celebrava a Eucaristia no domingo que cabia a ele, com muito fervor, com certeza).

Na comunidade ninguém tinha telefone, de modo que, para dar qualquer aviso, era preciso ir de casa em casa... ou passar um momento na casa de Dona Elvira. Bastava ficar poucas horas na casa dela para ver todo mundo.

Quando um grupo estava em sua casa, Dona Elvira pegava o Rosário e ali ninguém escapava. Não vi em nenhum lugar rezar o rosário daquele jeito. Criava-se um incrível ambiente de oração, era um sussurro envolvente no qual Cristo e Maria deviam estar por perto. Impressionante.



Dona Elvira não tinha estudos, mas tinha uma vida interior que é muito difícil encontrar em alguém. E, o que é mais difícil, nunca pedia aos demais aquilo que não estivesse disposta a fazer. Para dizer a verdade, ela nunca pedia nada. Simplesmente se punha em marcha e o

melhor que se podia fazer era segui-la, convencido de que, onde quer que fosse Dona Elvira, ali estava Cristo.

Nunca esquecerei a experiência dramática que vivemos juntas. Há poucos dias um casal de noivos adolescentes tinha desaparecido. Uma semana depois apareceram mortos, praticamente carbonizados pelo calor intenso. Tinha sofrido um acidente de moto em uma região pouco frequentada. As famílias dos infelizes jovens eram pessoas de pouca fé e bastante conflituosas. Ninguém da paróquia se atreveu a ir dar os pêsames, na certeza de que tal gesto poderia ser considerado uma provocação, que possivelmente dariam a culpa da sua desgraça a Deus e, por isso, a qualquer um que o tivesse mencionado.

Pois bem, Dona Elvira disse que nosso dever era levar Deus a essa família no seu infortúnio e que ela pensava em ir. Fui com ela até a casa de um dos jovens. Ali, em um pátio bastante grande, havia cerca de 40 pessoas. Não me lembro de como foi, mas recordo aquela gente sentada em um grande círculo. Não se ouvia uma mosca. Somente se ouvia a voz de Dona Elvira. Não podia acreditar no que ouvia. Dona Elvira não tinha estudo, mas as palavras que saíam de sua boca eram palavras de alguém mergulhado em Deus e de alguém sábio. Estou certa de que naquele dia Dona Elvira tinha rezado mais do que de costume e que foi ele mesmo, Cristo, que falou por sua boca.

Estou também certa de que hoje existe no céu uma nova santa, embora seguramente ninguém promoverá a causa de sua beatificação. Deus saberá, saberá a Virgem – a quem ela tanto amava – saberá sua grande família e saberemos todos aqueles que tivemos a enorme sorte de serem seus amigos.

... o o o O o o o ...



O seu Júlio e a dona Sebastiana

Aproveito para recordar com muito carinho outras duas pessoas que eram parte muito importante dessa comunidade e que também faleceram neste ano. O casal formado por **Dona Sebastiana e Sr. Júlio**. Sempre estarão em meu coração e sei que um dia nos reencontraremos.



O Senhor levou ontem para junto dele a **Dona Dozailda Lima Medeiros da Silva**. Nasceu em 17 de setembro de 1951. Faleceu em Campo Grande/MS – Brasil, a 4 de dezembro de 2015, às 17h10.

É como se Deus quisesse que aquela pequena comunidade voltasse a se reunir no céu. Mas a comunidade não seria mesma coisa sem o inefável sorriso de Dona Ilda. Parecia sempre contente e era uma mulher muito divertida. Apesar de que sua vida não fosse nada fácil. Ela era uma mulher forte que tornava fácil o que era difícil.

Era viúva há vários anos e embora não tivesse filhos, criou como um filho seu sobrinho Samuel. De certa maneira era um pouco mãe de todos os seus irmãos. De modo discreto e humilde, era mais do que evidente o respeito que tinha por ela toda a família. Não tenho dúvida que o ganhou à força.

